

policiais. Não precisavam nem fazer mira. Como "pombos" indefesos os trabalhadores eram baleados e tombavam um a um.

As cenas que se sucederam a partir daí são dramáticas. Não havia como se defender das balas devido a aglomeração de tantas pessoas em um local que mais parecia uma arapuca.

No meio de tanto tumulto pude ver o Pe. Aveilino levantar as mãos e pedir calma aos operários e também clamar aos soldados para não atirar. Seu desespero era tanto na tentativa de acalmar a multidão que chegou a dizer palavras desconexas afirmando que as balas eram de festim.

Mas sua vontade era para apenas amenizar o pavor dos operários diante do fatídico confronto. Ele pede para no esconder atrás de alguma proteção. Proteção que não existia. Eu fiquei dentro de uma vala ao lado dos trilhos da estrada de ferro da CVRD. Ao meu lado os corpos iam caindo. Dava a impressão de estar vivendo um pesadelo, onde as pernas não conseguiam se mover.

A idéia era a de que nada podia se fazer, a não ser esperar pelo desfecho trágico.

Até um pesado trem de minério da CVRD que vinha de Itabora em direção ao Espírito Santo fora obrigado a parar a alguns metros da chácina. Ela ficou inerte durante muito tempo como se respeitasse a gravidade do momento.

Por todas as direções podia-se ver pessoas rastejando na tentativa de livrar-se das balas que ricocheteavam por todos os lados. Não havia como se esconder, a não ser entre os trilhos da linha férrea

O fotógrafo amador José Izabel Nascimento estava com sua Kodak e conseguiu tirar várias fotos antes de levar um balão e tombou no campo da rebelião. A ordem para seu fuzilamento foi decretada no momento em que havia se aproximado do caminho onde estava o soldado com a metralhadora de tripé.

O soldado acariciava o corpo da máquina e olhava com deboche para a multidão. O gesto do fotógrafo em acionar a máquina entureceu o policial. Nascimento foi o primeiro a morrer naquela chácina. Mas ele já havia fotografado várias cenas desde a noite anterior, principalmente no alojamento da Empreiteira Chicago Bridge, onde também teve um morto. Suas fotos correram o mundo. Vários jornais de Minas e do Brasil reproduziram as fotos desse herói que conseguiu registrar tamanha barbaridade.

A fuzilaria que começou com a morte do fotógrafo demorou intermináveis 15 ou 20 minutos, não sei precisar. Foi uma eternidade. Só se ouvia estrondos de fuzis e rajadas das metralhadoras, gritos e gemidos. Um horror. Era pura covardia. O alvo eram mais de dez mil operários aglomerados.

Um companheiro mais velho, um autêntico filósofo, o Fritz, natural de Volta Redonda, balançava a cabeça e dizia: "que barbaridade!".

Muitos companheiros lamentavam não possuir também uma arma para enfrentar a polícia. Mesmo diante de tanta violência o pensamento nos faz viajar e a indignação no remete aos heróicos acontecimentos. Por isso fui pensando que a menos de quatro anos, em Cuba, iniciava-se uma revolução na Sierra Maestra, uma demonstração de fibra e coragem que derrubou uma ditadura.

É esclarecedor relembrar que o massacre dos operários de Ipatinga ocorreu 5 meses antes do golpe. Os antecedentes que marcaram a ditadura deve ser analisado como a "prova" cabal do estilo nazista utilizado por Magalhães Pinto, a mando dos "donos da ditadura militar" para testar o poder de absorção das represas e injustiças sociais pela classe operária.

O que se viu em 7 de outubro foi o limiar absoluto de como forjar argumentos e justificar o uso da violência e estabelecer confusão, tendo como cobaias os jovens operários da USIMINAS.

Isto vale dizer que, sem um teste armado com tanta maestria e ardisiosidade, contra uma categoria significativa de trabalhadores - como foi o caso do peso do operariado da USIMINAS - seria impossível prever o tamanho das consequências nefastas que o golpe em preparação traria para as forças de repressão, frente à reação de todas a classe operária do país.

Veja:

Os operários da USIMINAS foram usados como cobaias no "teste" que resultou no golpe de 64. Apenas cinco meses depois veio o golpe de Estado de 64.

Toda nossa resistência foi sepultada sob o poder da ditadura. As dezenas de mortes e centenas de feridos ficaram apenas na memória dos que estavam na linha de frente da luta.

Vamos repetir a realidade: "O golpe de 64 trouxe muito desestímulo para os jovens operários."

E todas aquelas propostas feitas pelas autoridades logo após o Massacre, e que visavam o atendimento às reivindicações foram esquecidas.

As pensões das viúvas dos operários mortos foram cortadas. Os direitos desrespeitados.]

Os trabalhadores mais engajados, ou aqueles que mais se destacavam em assembleias, ou que reivindicavam melhores condições nos locais de trabalho, bem como os que lideravam ações sociais ou até mesmo esportivas, foram perseguidos em toda a região. Os líderes sindicais foram cassados e as entidades fechadas. Muitos companheiros desapareceram.

Ai de quem reclamasse das condições de trabalho. Era proibido e visto como "subversão".

O monumento que seria erguido em memória dos mortos no dia 7 de novembro, jamais foi lembrado pelo sindicato pelego criado pela ditadura e muito menos pela direção da USIMINAS.

As 44 mortes de operários e centenas de feridos foram esquecidas e abafadas pela ditadura. Um outro destacamento policial foi designado para Ipatinga com novos soldados. Novo comando. Chega ao Vale do Aço o famigerado 2º sargento Itamar de Vasconcelos. Nessa época me desliguei da USIMINAS e vim estudar jornalismo em Belo Horizonte e voltaria 8 meses depois com o Jornal "Liberdade" e uma narrativa